

# **Deus existe?**

Francisco Moura, Henriques Marques e José de Sousa

Prémio

Ensaio Filosófico no Ensino Secundário

Sétima Edição

2021



## **Ficha técnica**

**Título:** “Deus existe?”

**Autores:** Francisco Moura, Henriques Marques e José de Sousa

Vencedores da sétima edição do concurso *Ensaio Filosófico no Ensino Secundário*, promovido pela Associação de Professores de Filosofia e realizado em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares

## **Professora orientadora**

Mónica Grifo

**Escola:** Colégio Casa Mãe, Baltar

## **Edição**

Associação de Professores de Filosofia, Coimbra - 2021



Este trabalho está licenciado com a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

## Índice

Resumo .....	4
Abstract.....	4
<i>Deus Existe?</i> .....	5
<i>Que Deus?!</i> .....	5
Conclusões .....	10
Bibliografia .....	11

## **Resumo**

O presente ensaio filosófico pretende esclarecer o problema da existência de Deus. Proceder-se-á a uma análise de diferentes perspectivas inerentes ao problema da existência de Deus e a necessidade da sua compreensão e justificação. Neste sentido, iremos apresentar argumentos baseados na lógica, que apoiam o nosso ponto de vista acerca da não existência de Deus. Seguir-se-á a exploração de contra-argumentos, como o cosmológico, teológico e ontológico, acompanhados de respostas a essas mesmas objeções. Em última instância, iremos refletir sobre a influência que a crença em Deus tem no Mundo, as suas implicações e de que modo a devemos perceber, para nos aproximarmos da verdade.

## **Abstract**

The present philosophical essay aims to clarify the problem of the existence of God. There will be an analysis of different perspectives inherent to the problem of the existence of God and the need for its understanding and justification. In this sense, we will present arguments based on logic, which support our point of view about the non-existence of God. This will be followed by the exploration of counterarguments, such as the cosmological, theological and ontological, followed by answers to these same objections. Ultimately, we will reflect on the influence that belief in God has on the world, its implications and how we should perceive it, to get closer to the truth.

## ***Deus Existe?***

Desde o início dos tempos, o Homem tem procurado incessantemente algo que dê sentido à sua vida, algo que o distraia do contínuo sofrimento e lhe dê uma razão para viver e agir de forma correta. Neste sentido, o Homem ao longo dos milênios tentou delinear teorias que justificassem a existência de uma entidade superior todopoderosa, na medida em que esta tem um plano de vida para cada um de nós e foi, durante muito tempo, a luz que iluminou a vida das pessoas ao longo da caverna de incerteza que esta é. Porém, cremos que assistimos a uma crescente descrença relativamente à existência desse ser superior e sumamente perfeito. Várias são as pessoas que duvidam da existência de Deus, revelando fragilidades lógicas em si mesmo (Kant, 1997), mostrando a relevância da importância da análise deste problema, que poderemos formular através da questão “Deus existe?”. Trata-se de uma questão que faz parte de nós e afeta a forma como agimos, compreendemos, percebemos e interpretamos a realidade.

Neste ensaio filosófico iremos tentar levar a cabo a árdua tarefa de tentar provar, com base em argumentos lógico-dedutivos a inexistência de Deus. Temos consciência que certamente não seremos nós sozinhos a resolver esta problemática, porém cremos poder contribuir de alguma forma para a investigação deste problema, que é colocado pela comunidade filosófica.

## ***Que Deus?!***

Antes de analisarmos este tema-problema, é pertinente esclarecer os conceitos inerentes ao mesmo, nomeadamente, os conceitos de Deus e de existência. Relativamente a Deus, em particular da crença de um Deus único teísta, podemos defini-Lo como um “Ser Supremo”, caracterizado pela sua onipresença, onipotência, omnisciência e suprema bondade. É, geralmente, definido como o espírito infinito e eterno, criador e preservador do Universo.

Trata-se, então, de uma divindade com características de onipresença (está em todo o lado), omnisciência (que tudo sabe) e onipotência (que tudo pode). Deus apresenta-se como o antagónico do Homem finito e imperfeito, sendo a representação da perfeição pela sua existência eterna e sumamente boa, não se deixando

contaminar pelas influências profanas que desviam o Homem do caminho da virtude e do Bem.

Por sua vez, o conceito de existência humana pode ser definido como o modo de vida próprio do ser humano, que se caracteriza pelo seu carácter particular, subjetivo e temporal, do qual decorre a liberdade e a responsabilidade do indivíduo na construção do seu próprio destino e, ainda, a projeção do seu futuro dentro de todas as possibilidades existentes. Aqui, colocamos a questão: será que poderemos pensar o conceito de existência de igual forma para uma possível entidade transcendente? Quer Deus exista, quer Deus não exista, a possibilidade num Mundo em que Deus existe, essa existência implica necessariamente o quê? Pensamos que o conceito de existência transcendente, pode ser definida pela existência de uma consciência pensante sobre a sua própria existência, à semelhança do “Cogito, ergo sum” (Descartes, 1992).

Posto isto, tentaremos defender a tese da não existência de Deus. Porém, nós não afirmámos isto de uma forma triunfante, apenas o afirmamos, porque encontramos evidências lógicas que apontam para esta ideia. Até porque não consideramos que a possibilidade da inexistência de Deus é positiva, pelo contrário, cremos que este é o sentido da vida para muitas pessoas, que precisam de encontrar respostas, mesmo que falsas, para aquilo que não conhecem e não compreendem. A inquietude faz parte de nós e ao longo da nossa vida procuramos respostas para os problemas que nos aparecem, esta procura constante é aquilo que nos apazigua, contudo cremos que as pessoas tentam suprir algumas destas perguntas com uma tentativa de resposta divina, porque viver sem respostas leva a desconcertantes questões como o verdadeiro sentido da vida. Poderemos considerar a religião como o guia moral das pessoas desde o início dos tempos e um possível desaparecimento resultará numa nova necessidade de tentar dar um novo sentido à vida. Pensamos que este novo sentido poderá ser preenchido por tudo aquilo que a cultura pode oferecer, para não cairmos no niilismo como nos alerta Nietzsche (1883).

A primeira constatação que nos deu indício de que a existência de Deus seria impossível foi a existência de tanto mal e caos no Mundo, conhecido como o “Problema do mal”. Como é que é possível conciliar a existência de uma entidade superior todo-poderosa, que supostamente deveria tentar manter a ordem no universo, com acontecimentos tão horríveis, como o holocausto, a escravatura, a guerra, a fome, entre tantos outros exemplos?

- (1) Se Deus existisse, não existiria mal;
- (2) Mas o mal existe;
- (3) Logo, Deus não existe.

Do mesmo modo, a possibilidade da existência de Deus implica que este seja perfeito e o facto de ele poder terminar com o sofrimento e não o fazer, contradiz a sua perfeição e prova que ele não existe. Desta forma, a criação do Mundo traz também dúvidas acerca da sua existência, uma vez que como um ser sumamente bom e onipotente, este deveria criar o Mundo da melhor maneira que conseguisse, tentando suprimir todo o mal e sofrimento presente neste. Podemos traduzir de forma canônica este argumento como:

- (1) Se Deus é onipotente, então poderia ter de atualizar qualquer Mundo possível que quisesse.
- (2) Se Deus é totalmente bom, então teria atualizado o melhor Mundo possível que conseguisse.
- (3) Poder atualizar qualquer Mundo possível que quisesse e atualizar o melhor Mundo possível que conseguisse é escolher atualizar o melhor de todos os mundos possíveis. (4) Portanto, se Deus é onipotente e totalmente bom, então escolheria atualizar o melhor de todos os Mundos possíveis.
- [De (1), (2) e (3)] (5) Mas, o Mundo atual não é o melhor de todos os mundos possíveis. Pois, existem mundos possíveis que contêm bem moral, mas nenhum mal moral.
- (6) Logo, não há qualquer Deus onipotente e totalmente bom. [De (4) e (5), *modus tollens*]. (Domingos, 2016)

Porém, diversos filósofos objetam que a existência de tanto mal no Mundo é plausível dado o facto de ele nos ter dotado de livre-arbítrio. Deste modo, poderíamos sublinhar que Deus não é o responsável pelo mal no Mundo, porque ele deu aos Homens a capacidade para tomarem as suas próprias decisões, de deliberar e agir. Sendo que as ações podem, também, ser deliberadamente racionais (a saber, bem pensadas), leva a que Deus não tenha culpa de os Homens cobrirem o Mundo com sofrimento, caos e dor, na medida em que têm liberdade para agir de forma diferente.

Contudo, uma resposta a esta objeção poderá ser a de que uma porção substancial do sofrimento tem causas inerentemente naturais, dos quais são exemplo os sismos, erupções vulcânicas, movimentos de vertente e tornados. Deste modo, o Mundo pode ser considerado intrinsecamente mau e se foi Deus que o criou, então a sua benevolência é posta em causa. Se a sua benevolência não pode ser colocada em causa, então Deus não existe.

Outro argumento que podemos apontar é a de que todos os acontecimentos derivam de outros que se lhes antecede, numa lógica de relação causal, até chegarmos a uma possível crença básica que se possa justificar por si mesma. Nesta

situação, a proposição categórica “Deus existe” não se justifica por si mesma, pelo contrário, requer explicações que não possuímos, apenas crenças religiosas não fundamentadas e apesar da crença ser uma condição necessária para haver conhecimento, a crença por si só não é condição suficiente para termos conhecimento, uma vez que a crença pode ser bivalente (ou verdadeira ou falsa). Ora, não tendo justificação para sustentar a crença, daí nunca poderemos concluir que “Deus existe”.

Do mesmo modo, caso estejamos perante um ciclo causal sem fim, então não podemos atribuir um início a uma relação infinita. Seria contraditório se o fizéssemos. O ciclo infinito não é uma perspectiva absurda, se pensarmos nos argumentos que sustentam os físicos, quando se referem à relação espaço-tempo analisada a partir de diversas ( $n$ ) dimensões. Ora, o facto de perceber uma linha no horizonte, não implica necessariamente que tenha capacidade (física e biológica) de ver o objeto no seu todo, sendo errado daí concluir que como não consigo perceber não existe. Assim, pensar na possibilidade de um ciclo infinito de relações causais não é absurdo. Se, por outro lado, defendermos que teve de existir uma causa primeira, que desencadeasse um ciclo, a partir daí sem fim, então o próprio Deus teria de ser, também, causado por algo. Não nos parece plausível, a ideia de que Deus possa ser “causa sui” (causa de si próprio), como defende Descartes nas “Meditações sobre a Filosofia Primeira” (1992), uma vez que desta ideia decorre uma falácia, a falácia da circularidade, não se conseguindo justificar sem cair num círculo vicioso. Assim, se tudo o que existe implica uma causa, então Deus teve de ser originado por algo e, por sua vez, como um Ser Perfeito não pode dar origem a outro Ser mais perfeito que ele, então existiria sempre um Ser mais perfeito que Deus e outro mais perfeito que esse e assim sucessivamente, logo a existência de um Ser sumamente perfeito é impossível, porque isso implicaria a existência de outro mais perfeito, logo Deus não existe.

Ademais, em grande parte das religiões, Deus é entendido como um ser onipotente e benevolente, porém se fizermos uma breve análise desta proposição podemos constatar que a onipotência e a benevolência não podem existir conjuntamente. Esta conclusão deriva do facto da benevolência impossibilitar Deus de pecar e conseqüentemente impossibilita a sua onipotência. Como a natureza de Deus é contraditória a si mesma, então a sua existência é impossível.

Em oposição à nossa tese, diversos filósofos como Tomás de Aquino apresentaram argumentos a favor da existência de Deus. Esse filósofo afirmou que como todas as coisas têm uma causa eficiente e nada pode ser causa eficiente em si mesma, então não é possível que se proceda até ao fim nas causas eficientes e logo, existe uma causa primeira eficiente que é Deus. Porém, este argumento acaba por se



refutar a si próprio, na medida em que se nada pode ser causa eficiente em si mesmo, então Deus não pode ser uma primeira causa eficiente e, neste sentido, supostamente teria também ele de ser criado por algo.

Outro argumento, apresentado por Santo Anselmo, consistia na ideia segundo a qual a perfeição implica a existência, porque tudo é melhor se existir. Contudo, esse argumento é subjetivo e da mesma forma se imaginássemos uma ilha perfeita ela teria de existir, o que seria bastante implausível.

Questionamos: será que acreditar em Deus, mesmo que *Ele* não exista é algo negativo? Vale mais a felicidade da mentira ou a dor da verdade? Será que devemos orientar as nossas escolhas e decisões baseadas numa crença falsa? A nossa resposta é que não, porque sendo uma crença que defendemos ser falsa, a verdade é sempre preferível à mentira. Apesar, de sabermos que existem pessoas que acham preferível a ilusão à realidade, porque como referimos anteriormente isso de certa forma apazigua.

Com efeito, apesar de, em diversas situações, esta crença religiosa orientar e influenciar as pessoas a tomarem decisões que são aparentemente moralmente corretas, tais como não roubar ou não mentir, se analisarmos essas ações segundo um critério deontológico, verificamos que não têm um genuíno valor moral, porque, nesses casos, as pessoas agem apenas em conformidade com o dever orientadas por uma obrigação condicional, o Imperativo Hipotético (Kant, 1997), por outras palavras, essas ações são influenciadas pelas suas crenças e receios das consequências que podem advir pelo castigo divino.

Além disso, podemos ainda constatar que a religião ilude as pessoas, na medida em que lhes oferece uma falsa sensação de conforto e segurança. Apresenta-lhes a hipótese de uma vida com sentido e que vale a pena viver, porque vamos ser julgados em função daquilo que fizemos. “As vidas com sentido são vidas de entrega ativa a projetos de valor” (Wolf, 2011). Porém, existem muitas outras hipóteses, tal como a de que o significado que a vida tem é aquele que cada um lhe dá e, neste sentido, a crença religiosa é apenas uma dessas perspectivas subjetivas e que, por não ser objetiva, não pode ser provada, logo não podemos afirmar que existe verdadeiramente. Pensamos que a religião é uma espécie de distração que as pessoas procuram, para se afastarem da natureza vil e cruel da realidade, ou seja, como refere Karl Marx “a religião é o ópio do povo”.

Outro notável filósofo que aborda este tema e apresenta contra-argumentos à tese que pretendemos defender, é René Descartes. Descartes defende a existência de Deus, utilizando o critério de verdade para o conseguir, ou seja, procurando provar que a existência de Deus se apresenta de forma clara e distinta ao espírito. Após

chegar à primeira certeza cartesiana “Cogito, ergo sum”, ele continua o seu longo caminho em direção à verdade, formulando o argumento da marca. Neste sentido, segundo ele, um ser sumamente perfeito tem todas as perfeições e a existência é uma perfeição, logo existe um ser sumamente perfeito que é Deus. Em oposição a Descartes, Johannes Caterus criticou o argumento ontológico, referindo que a partir de uma mera definição de ser sumamente perfeito não podemos concluir que esse ser efetivamente existe. Ademais, Antoine Arnauld também critica o facto de ele justificar o critério de verdade com a existência de Deus e justificar a existência de Deus com o critério de verdade, caindo assim, como referimos anteriormente, num erro de raciocínio, a falácia da petição de princípio ou falácia da circularidade.

Concluimos, portanto, que ao refutar diferentes argumentos a favor da existência de Deus, resta-nos sustentar a tese que defendemos neste ensaio, que passa pela não existência de Deus, na medida em que os argumentos a favor da não-existência são mais fortes e consistentes logicamente, do que defender o seu oposto.

### **Conclusões**

Consideramos que a questão da existência de Deus resulta na combinação de necessidades humanas, pela consciência da sua finitude e conseqüentemente precisar de dar um sentido à sua existência. Na nossa perspectiva, a sociedade deve reestruturar-se neste sentido, em vez de se organizar em função da existência de Deus, deve organizar-se em função do Homem, porque somos nós que, através das nossas capacidades racionais e de pensar criticamente, temos de definir os princípios éticos e morais e a partir dos mesmos conseguirmos manter a ordem no Mundo. Conhecer a verdade acarreta, em si mesmo, obstáculos, mas, por outro lado, estamos seguros de que esta mudança nos vai colocar mais próximos da verdade acerca da nossa origem. Temos obrigação de nos afastar de argumentos que nos possam desculpar e ilibar, colocando o peso das nossas escolhas num destino delineado por uma entidade superior e curar-nos da cegueira que nos afasta da verdade e do conhecimento.

## Bibliografia

- Blackburn, S. (2007). *Dicionário de Filosofia* (2.<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Gradiva.
- Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2020). Existence of God. *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/existence-of-God>
- Descartes, R. (1992). *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Faria, D. (2016), É o mal no mundo logicamente compatível com a existência de Deus? (125-124). *Aufklärung: Revista de Filosofia* 3 (1).
- Kant, I. (1997). *Crítica da Razão Pura* (4.<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kenny, A. (2003). *História Concisa da Filosofia Ocidental* (2.Ed.). Lisboa: Temas e Debates.
- Estudo em Casa (2021). *Provas da existência de Deus: o argumento ontológico*. Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7885/e518970/filosofia-area-de-integracao-10-e-11-ano>.
- Nietzsche, F. (2008). *Assim falou Zaratustra* (5.<sup>a</sup> Ed.) Sintra: Publicações Europa-América.
- Peterson, J. (2021). *Jordan Peterson on the Belief in God*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TUD3pE3ZsQI>.
- Vancourt, R.(1986). *Kant*. Lisboa: Edições 70.
- Rowe, W. L. (2011). *Introdução à Filosofia da Religião*. Verbo. Lisboa.
- Wolf, S. (2011). *O sentido na vida: e por que razão é importante*. Tradução de Desidério Murcho. Lisboa: Editorial Bizâncio.